



fernando machado silva

o atlas que sustém este coração no vazio

2016

o atlas que sustém este coração no vazio

2016
(2011-2013)

“o tempo não passa de um curandeiro parlapião”
Malcolm Lowry

“escreve e cala-te”
Emma Santos

poemas de espera

poema de futuro

ela disse:

juntos vamos ver o fim do mundo

e em dizendo veio o arrebatamento
tomado tudo pela surpresa
da exactidão desse dito

a boca estreitada à violência
acariciando o final porvir

poema sentido

isto é um homem
tão pouco ser
para lá da sua natural pobreza

constrói um mundo no declinar do dia
e em silêncio
por entre a luz empoadada atravessando janelas

dono de adestrada mão para um corpo de tinta
e carne feito pelo raspar da caneta no papel

ao redor das unhas o embuste das dúvidas
solidão tacteando planos promessas e o poema
dizendo tudo pelo sentido de nada dizer

chegando a noite tudo caminha
e ainda o mistério de rostos de tão longe ligados

poema de braços remotos

terceiro poema

nem um poema nem o mundo te salvará

teces a frágil trama de uma vida
de futuro furtado

descobres o dia
segundo as pequenas coisas
mergulhando nelas fascinado
sabendo da derrotada língua
rangendo das mãos ao céu da boca

entre ti e as coisas e os outros
um outro poema se escreve
evadindo-se a cada tentativa

retornas ao seu rosto anoitecido
e nenhuma terceira derrota te assalta
tudo é possível de novo

poema de espera com eliot à sombra

foste outrora uma vida
medida e pesada por uma colher de café

o sorriso traía o tempo
tinhas um horizonte de possibilidades

herdas hoje uma cadeira vaga
defronte a alienação

assoerbado rasuras a espuma seca
ocupas o tempo ou o mundo
na suspensão de um poema

doa-nos o futuro

código de insónias

insónia iii
(da vida)

nunca arriscaste tão alto quanto sonhaste
entre dedos prendes uma pequena estrela arrepiada

pela noite
a tua terra abalada ao som da torneira
onde a vida gota a gota

insónia iv
(da escrita e do desastre)

pensamento e boca mergulhados
em seus comuns lugares de partilha
a língua perdura à sombra do desejo

adiante nenhum indício
a criança perdeu-se pelo caminho

**insónia v
(da relação)**

havendo uma imagem
qual me cabe a teus olhos

somos corpos ainda solares
dados ao verde ao tinir das horas ao sono canino

dessa cadeira vê o mundo por dentro
é tanto o dito que o dizer um quase nada do silêncio

haverá sempre um medo a rondar
uma certa podridão sob o reino

hospeda a amizade em visita
mas deixa jorrar a vontade de dizer por absoluto

amemo-nos do silêncio para fora

insónia vi
(da partilha e do medo)

i

quando há poesia tu não estás
somente nomes corpos outros

da frase de um desconhecido
assumes ainda um programa

e em nenhum mistério mergulhas.
na língua descobres a doença das vigílias.

ii

língua e poesia
e o sentido triste e estéril
do teu mundo

muda a voz tremendo de medo
desaparece nisso que tu escreves.

iii

ouro peneirado na errada margem da página
pródiga ganga de tantos anos

iv

o que foram esses poemas escritos?
o pensamento apoiado no calo do maior equívoco

insónia vii
(do amor)

defendo a tua noite
a boca a língua
junto trago o mapa sentimental
levo-to onde dormindo és tolhida pelo estio

súbito no violeta da madrugada
o frio e o roubo desta mortalha
deixam o corpo ao orvalho
até que a mão encontra a mão
a boca a língua

insónia viii
(da pele)

primeiro um espanto susto arrepio na pele tomando o espaço interior. mergulha. dobra-se e ainda o fora se sente como sendo só isso: o mundo. não toda a pele. somente aí onde tua mão inicia o repouso para o dia. cuidas para ti ou murmuras: *um só corpo é maior que o mundo todo o mundo cabe num olhar devolvido.* e no entanto ido passado a mão já não descansa. toca. acaricia. o cansaço recuou já para outro lado. amanhã. a mão pesa sobre o teu corpo. sopesa a pele. pensa-a e rebele a pele e aí onde tocas meu amor tudo dura para lá do dia longo que passou. *já passou.* e adormeces e eu aqui estou insone. *dorme.* enquanto a mão se afunda na pele fundando o amor

**insónia ix
(da escolha)**

falas e sempre resta um rasto de não-dito

mensura o recontro:
sufocas soterrado por adormecidas palavras
ou escolhes do outro a morte

um silêncio sincero

mas baco afogou-te a boca
e o diálogo deixou-se *in media res*

apura o poema
essa vida interrompida

e termina a longa noite

caída na cama
desguardo-te o corpo
a pele tisonada a carne
sossegada

deixo a pulseira
no tornozelo

a tatuagem doutros tempos
faço o leito no teu ouvido

os dias

mais um dia

sentada com o dedo abres ruas
pela poeira cumulada ao tempo

vagueias o ócio compões uma lista de adiados
desejos onde talvez por engano uma vida se misture

estes braços em estrela resgatam as tuas
lágrimas à eternidade e mais um dia

48b

o primeiro dia inaugura-se com chuva
as janelas convidam à predição

ao nosso redor a vida
ensacada no jogo do acaso

para a assinatura do interior
ou a fundação de uma ruína

passeando o cão

aguardas sob o sol
uma vida prometida

como na morte um amor
reencontrado

gravilha granizo

andando a gravilha range e na garganta
um rumor rebate em soluço

os cheiros relembram-te outro tempo
quando pequeno e tua mão na materna

hoje seguras uma *filha* deixando solta outra
para amparar a sua chegada de olhos granizados

um tempo de espera

faz da cama uma ponte
e da noite um mundo

esquecendo-se
no sono

a dura distância distrai
o coração em soluço

ocaso egoísta

ao fundo a fimbria do céu matiza-se
o lápis do teu olho antevê
a tempestade a caminho

os corpos escolhem a margem
de sossegada ria
esparso cemitério
vivo verso de camilo pessanha

enredado em teu perfil
não temo a tormenta
o fim do mundo
pouco importa
a felicidade é egoísta

a mão pela areia

este seria um dom

exuma da areia sentindo a queimadura
de cada grão e do fundo acarreia
abraçado o polvo da sua infância

*ofereço-to
recomeça o amor por aqui
lendo o marcado sal deste corpo*

guardo a grande ficção

guardo a grande ficção do mundo

a qual valerá ainda a luta
neste escasso tempo
no seio desta excessiva
morte

meu amor
o Homem
tamanho tristeza

o terceiro copo

crês-te homem a seus olhos
vertido o terceiro copo

cobre-te iludida segurança
uma língua domesticada
enquanto a metafísica ajeita o restante
para o recontro nocturno dos corpos

mãos juntas
olhares
desencontrados

tudo hoje talvez se perdeu
amanhã tentarás de novo

meat in groom

a dança é um espectro
assombrando esse açougue de sedução

a chuva quase faz o rio
o nosso amor vai pelas ruas
chegando a casa é outro naufrágio

noite

as corujas limitam as trevas
resgatam o que há a ser dito

o pio
indício de ninguém
a voz emudecida para os sonhos

eclipse

é imperativo uma noite para a infância
aí um pirilampo regressa
da ulissíada da memória
e o dedo fluorescendo

noite e lua
velozes se escondem
quando surges
onda abrasiva rolada na cama

pérola menstruada.

poemas possíveis do cabo sardão

silêncio ondeado do cabo sardão

ribeira fresca
odor morno de um canavial

mar solto ao fundo da caminhada
estalar seco e verde de chorões cobrindo a areia
terra quente viva de carochas e cigarras

palavras ditas com a minúcia gramatical dos corpos
o silêncio ao cabo do sexo
dentro de tudo que habitamos

lá fora um eco mais
escuta

sob o sol o passo equilibra o corpo
em fio de prumo de rocha e mar

se escapa o pé na fraga seremos espuma do rebate
vidas nuas entre sargaço anónimo

deu-se um ocaso um amor fugiu à voz
pelo areal correndo perdido quase para toda a vida

tudo se reencontra
na rotunda de almogrove

dia coberto corrido a vento

o fogo ausentou-se deste fim do mundo
só a terra cheirava a queimada

foi escolhido o fresco da casa
o ofício nas artes do tempo e do espaço

acabados os trabalhos
restava ainda dia para o paraíso:
praia do brejo largo
trás os campos da mão do homem
e dunas de nenhuma cultura

maré plana
dentes da terra profunda de antanho
xisto basalto quartzo leitoso
o melhor ofertório

o inferno não deixou de estar à solta
de regresso a morte vista na estrada
pássaros um gato de riso macabro
salvo da angústia por pirilampos

farol dobrado pelo vinho a finados

cinco cores
basalto areia quartzo água céu

o meu reino é deste mundo

já percorri o chão de todos os lamentos
sou agora o palhaço do amor
mergulhando uma e outra vez na rebentação

caindo quedo na *arena*

(sobre uma fotografia de Joëlle Ghazarian)

a rapariga responde a ti que te encontras fora da escrita de luz. repara como o seu olho perfura. a mão suspensa no trinco da porta em convite. procura fundar as suas raízes, futuro de mulher no colar pendido no pescoço, pena de ave ao alto, gestualidade nómada, lenço velando parte do cabelo feminino, talvez em respeito a uma religião passada. a porta cobre-se de renda de bilros de uma qualquer Penélope. a palavra esconde-se aí, algures, nela, para ela. uma aranha da Arménia, anos mais tarde. o olhar já se perdeu noutra.

o nevoeiro cobria a paisagem
crescendo do mar subindo
pelas falésias de gaivotas

ao fim do dia já tudo se vestia
de água estranha do mundo
só o farol protegia os passos
do marinheiro e do seu cão

insone
Penélope jogava à paciência

lemos a escrita vegetal
caminhando lado a lado

é uma vida fazendo-se

manhã líquida
despedida ao ritmo da ressaca das ondas
e os meus olhos na tua pele morena

poemas da despedida, segunda parte

i

terá sido junto ao quarto crescente que vi
surgir a tristeza o abandono de uma vida
quando os olhos se furtaram ao diálogo

era noite já a cabeça no colo e o fim
sustido no peito onde o coração se apressava

já antes a boca se pronunciara e trouxera
numa semana o frio de um esquife
a deambulação vagabunda as máscaras
as mãos movidas a esquecer o molde do corpo

a terna melancolia foi sei-o bem
junto a essa lua marcada funda no teu rosto
tão longe agora que a memória se fendeu
cristalizando este homem iluminado
de nada de amor.

ii

ignoro o ignoto início da comunidade de paixão
o enlaçar de pequenos acontecimentos pelo amor

hoje fantasmas ao redor do corpo
distância que vai de rosto a rosto

quando basta a mão para romper fronteiras
eis que tremes com o amontoar das coisas da partida

em torno cerze-se uma outra pele
sobre a que de origem nos separa

a tua mão no corpo em queda
para um outro mundo a recomeçar

já tinhas do amor partido o laço
quando tua mão reencontrou a minha

reparo
estou só

esmoreço e escuto
reconduzimos a vida a um
princípio repetindo-nos e o que já não há

ainda ouço:
sê bem-vindo ao deserto do real

iv

voltemos à solidão e seus imóveis
sons ensurdecedores do interior do teu corpo

retorna também a cidade e seus menores
labirintos vistos do lado da memória
onde agora perduras perdido

teces confidências sorris enganas
expões-te a abraços e danças
moves-te com a marca que te distinguem

e já de olhos áridos e secos girassóis
aguardas o resto do fim do mundo
lentamente se vertendo ao longo destes dias

v

guardo-vos enquanto anfitrião
e para acabar de vez com o amor
sirvo este músculo
irrespondido cansado

não ninguém vai falar como esta boca
foi tomada pelo luto de teus lábios noutros

não ninguém diga nada merece a memória
abandonado corpo de fantasmas

pode a luz ser tratada
nada retira a ausência
de beleza que deve ser uma vida

as câs dizem a perda
como o fundo que o suporta
um vazio com sombra

Ilorón

a boca encerrada à tabuada dos dias
e de *cara na parede* choroso conta
quantos dedos dessa mão
são precisos para a justa decisão
a que te faria feliz nesse futuro
por ora e sempre levado

olho a ti do fundo do quarto
gravado na retina do olho
em que sou os teus passos
espaço que ninguém te quer habitar
a tua imagem espelha-te da queda ao alto
a pupila é um buraco abismado

poemas soltos

com o eremita

é sobre o veludo
dos teus lábios
que a minha língua cai:
grave ícaro ao sol
rubro empédocles à boca
de um vulcão feito carne
retomo a lição soletrando
o misterioso movimento
de cada letra
com o eremita.

canção à tua noite

a noite finda à tua pálpebra
lastro de lume névoa negra
fimbria de outro mundo onde
serás feliz retirada entre
lençóis e volúveis peixes azuis

segue segura pela urdida
leira prenhe de urze e chorões
rodeando faróis e fragas. traz
bastas provisões e vidências
desse longínquo lugar só teu

domínio de lares e anjos
musas das artes e ofícios
fosses mais espiritual seriam
esses os nomes dos restos do real
com quem tens estreitos diálogos

mas regressa pela manhã à luz
dos frágeis estores para mim e
relata nessa rouquidão de quem
tudo calou em tudo dizendo
o fim do mundo pelos teus olhos

poema ético

pende a testa no vidro
no retorno a casa os olhos vão
na queda da luz
ninguém repara nessa habitual tristeza

do corpo: o mais íntimo
sonegado soterrado pela gravidade
de uma alma

outro corpo viesse
desarmado despido de metáforas
e imagens – um abismo virado
do avesso – e de suas dobras um mundo

resposta a “choro” de Abdelwahhab Azzawi

tive um rosto

mãos souberam deixar a marca
tortuosa da textura do mundo
suas linhas agridoceas
o carinho a dor

um nome

rumava-o pela cidade
o bairro o recreio
sentia a água a lama de jogos
a linguagem da amizade
minha mãe
à noite
retornava-o por uma névoa de hortelã

agora
só um corpo
despojado

s/t

leva a mão à boca da infância
só o olhar permanece
e tanto te cegou um desejo

os caminhos exilaram-se
e como se lembrar puderas
a dança de cada dedo
pasodobles de cabelos
coladeras de coração

restas tu e o verde ondulado
na desolação desta planície
e corres como se correndo o crime de querer
mitigasse o encanecer do rosto
e a sombra de tanta luz da pele

verão inglês

ao longo da costa
pela areia fina
ou entre rochas como gigantes lapas
estendem-se ao sol aquecendo o coração frio
tatuadas baleias
viúvas negras e solitárias bonecas
de porcelana com o sangue a tingir a pele

que nenhum actéon se aproxime
a fome é imensa após o inverno rigoroso das ilhas de artur

à noite cheirando a flores
com vestidos de brisa
mergulhando a beleza de oitocentos
em geladas cervejas deliquescentes whiskys
como dianas treinam o olhar nas setas
dançam e cantam a língua ébria
de seios cobiçando a lua

sem pudor despejam o desejo
em canteiros lacrimados de amores-
perfeitos até contestarem o dia
empunhando o cigarro
girassol em brasa

o atlas que sustém este coração no vazio

soneto de Canterbury

em canterbury perenes árvores
tornam-se bancos memoriais
para acomodar o pensamento
onde só tu estás com tua língua

e tu depois chegando com tua terna inteligência
apagando a imagem de fogo e cinzas
chegando do país nunca por ti visitado
essa morada a poucas horas de mim

aí retorno marcado pela tua vida
voz a ideia de um corpo conhecedor
do mundo e dos mais fundos lugares da razão

talvez um dia nos reencontremos
nesse azul ilimitado sem horizontes
do teu medo ou noutra lugar do amor

o funâmbulo cansado

o funâmbulo sentou-se vergado pelo peso que o assola
e perambula no seu fio de prumo entre abandono e desilusão
acabado o espectáculo luzes apagadas deixa as mãos
pousarem sobre os músculos secos
outrora fúlgidos de uma animada dança
trocou o sorriso por um ricto depôs a máscara
e da lantejada lapela desprendeu
a rosa a rosa a rosa levada entre os dentes
até onde já nenhuma rede o amparou

angelus novus

depois dos trabalhos feitos
e esforços despendidos
abalando o seu pequeno mundo
decidiu-se por um último gesto
e enquanto se despia
despedindo-se dos seus laços de sangue e coração
a mão tateou um ínfimo volume na espádua
um deserto tinha vindo a expandir-se
e com dois dedos
arrancou uma pena das costas

a noite estende-se

a noite estende-se no sofá
observa-te do fundo
e sabe-se amor canino
é uma vida pulsante
reverberando na tua
ou uma escrita no mais profundo
da pele arrebatando e silenciando-te
deita-se a teu lado e aguarda
a morte entrando pela porta
do mais de dentro para o mais de fora

prece a um combatente urbano

amigo
quando te encontrares
a subir o mármore da lei
que de tuas mãos saiam anjos
riscando o céu bramindo
suas lâminas de fogo
as forças diabólicas que
a Kafka batiam à porta
já te fazem sombra

call me Charles Dodgson

nesta tarde de primavera passaste branca
pela erva mal tratada do jardim
ias atrasada para um compromisso e a correr
entraste pelo caminho subterrâneo

o tempo miserável e precário em que me encontro
este rio lavando-me duas vezes na mesma água
permitiu-me seguir-te e cair

e no meio de muita gente
o atlas que sustém este coração no vazio
descansou por um breve instante e deixou-se
banhar pelas breves torrentes da imaginação

vi uma vida onde contigo crescia
diminuía bebia entre loucos amigos
flores conquistavam os paraísos perdidos de betão
perdendo-nos somente à rainha vermelha

alguém chamou por um nome

não era o meu nem tu
o felpudo na lura

icariada

já não furto as asas a meu pai
foi demasiado abrasiva a lição da realidade

hoje deambulo e só o coração
se adianta – pelas sombras dos afectos

viandante – chegado atrasado dois séculos
para a morte romântica

contra o ocaso da realidade
guardo o acaso do real

adivinha

atentamente recorda a decadência
do corpo adiando a iminência da morte:

eis um médico

janus no correr da linha

se houvesse puros opostos
o funâmbulo e o enforcado seriam

o par de amantes do liame
entre transe e trânsito

são corpos da queda

um a dança
o outro o balançar de rosa dos ventos
e dos dois o peso:

pensamento da corda
orgasmo do laço

still with me

sim
apartamo-nos de moto próprio
por nossa decisão

sei-te porém em cada parte do meu corpo

Der Abschied

a partir de "3Abschied" de Anne Teresa de Keersmaecker e Jérôme Bel e "Der Abschied", parte final da "Lied von der Erde" de Gustav Mahler

és uma criança entre instrumentos
pouco sabes dos ritmos graves timbres
que te (ex)pulsam da segurança dessa cadeira
ergues-te tacteias o passo redondo de um arco
e corda tensa amparas-te nos gestos
e assim passas despercebida ao olho menos incauto

corres saltas cais fazes-te maior na infantilidade
um outro instrumento nas mãos do tempo
estendes a tua leva-la à terra o chão desta sala
fazendo a vez de mundo ou natureza
“com suas sombras que arrefecem”
e dir-se-ia tudo “coberto de erva macia e intumescida”

lentamente o que te rodeia parte
tudo te abandona ou morre
e resta-te a ternura da eternidade
o novo trilho traça-se nesse lugar despido
com seu lago e flora no verso desta fronteira vidraçada

olhas em torno és agora mulher frágil corpo
a canção da terra sobe-te aos lábios e a voz
num sussurro o sopro da despedida

o amigo com quem o mundo se revelava
“ébrio de amor e vida eternos”
é a ausência que te acompanhará
“eternamente... eternamente”

à espera II

a partir de En Atendant de Anne Teresa de Keersmaeker e de Philipus de Caserta

a fonte está seca
de seus ribeiros e arriolos nada mais resta
são sulcos onde os pés aprendem
o andar a leveza a queda
os corpos estão entregues ao pó
tão vivos ainda no declinar do dia

virás por esse caminho
subtilmente quase amorosamente
e por mais se amparem as mãos
deixarão sempre o outro fugir
e nunca os lábios serão resgatados
um segredo os aparta

*qua[r] verement cest chose bien certaine
Je nen puis aprocher not ne matinee**

sós aguardamos-te o caminho e eu
passado o último raio de luz
revelando a dança da poeira
vem a gravidade da noite
onde me encontro esgotado
respirando
nu

* porque, na verdade, é coisa bem certa,
Não posso aproximar-me dela nem de noite nem de dia!
(verso retirado de *En Atendant* de Philipus de Caserta (1370-1420))

homem e língua

um homem solitário é um solilóquio
enredado no seu mundo de silêncio
dois homens lado a lado
um combate de corações destroçados
três homens abre-se o espaço da experiência
teatral sendo o terceiro a muda testemunha
daí para a frente chegando o quarto quinto etc.
cada um com a sua história
é um ajuntamento de mistérios em queda na mentira

ÍNDICE

poemas de espera	6
poema do futuro	7
poema sentido	8
terceiro poema	9
poema de espera com eliot à sombra	10
código de insónias	11
insónia iii	12
insónia iv	13
insónia v	14
insónia vi	15
insónia vii	16
inaugura a pele a viii insónia	17
insónia ix	18
e termina a longa noite	19
os dias	20
mais um dia	21
48b	22
passeando o cão	23
gravilha granizo	24
um tempo de espera	25
ocaso egoísta	26
a mão pela areia	27
guardo a grande ficção	28
o terceiro copo	29
meat in groom	30
noite	31
eclipse	32
poemas possíveis do cabo sardão	33
i	34
ii	35
iii	36
iv	37
v	38
vi	39
vii	40

poemas da despedida, segunda parte	41
i	42
ii	43
iii	44
iv	45
v	46
vi	47
vii	48
llóron	49
poemas soltos	50
com o eremita	51
canção à tua noite	52
poema ético	53
resposta a “choro” de Abdelwahhab Azzawi	54
s/t	55
verão inglês	56
o atlas que sustém este coração no vazio	57
soneto de Canterbury	58
o funâmbulo cansado	59
angelus novos	60
a noite estende-se	61
prece a um combatente urbano	62
call me charles dodgson	63
icaráda	64
adivinha	65
janus ao correr da linha	66
still with me	67
der abschied	68
à espera ii	69
homem e língua	70